

**Modernidade líquida e o filme *O Substituto*: algumas reflexões acerca da relação professor-aluno**

**Liquid modernity and the movie *The Substitute*: some reflections on the teacher-student relationship**

**NASCIMENTO, André Ricardo Nunes<sup>1</sup>**

**BONFIM, Joseilton Ribeiro<sup>2</sup>**

**Palavras-chave:** Educação; Relações líquidas; Sala de aula.

**Key words:** Education; Net relationships; Classroom

**Referência da Obra:** *O substituto*. Direção Tony Kaye. Estados Unidos (EUA): Tribeca Films., 2012. DVD (97min).

“E eu nunca me senti tão profundo e ao mesmo tempo tão alheio de mim e tão presente no mundo.”  
Albert Camus

O excerto de Albert Camus, que abre este escrito, nos foi atravessado no momento em que assistimos ao filme *O Substituto*. A película em questão, despertou-nos para reflexões profundas e, ao mesmo tempo, estranhas. Profundas pelo fato de nos fazer mergulhar em pensamentos intensos a respeito do papel da escola na contemporaneidade e o movimento das relações líquidas que nela constituem em favor da mobilização de saberes. É estranha, no sentido de nos colocar em frente a algumas cenas marcantes, das quais elevaram os sentidos e significações a respeito

---

<sup>1</sup> Mestre em Crítica Cultural (UNEB). É especialista em Gestão Educacional (Universidade Salvador). É Graduado em Letras Vernáculas pela (UNEB). É Graduado em História (FTC). E-mail: [r1.andre.3@gmail.com](mailto:r1.andre.3@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos de Linguagem (UNEB). Mestre em Estudos de Linguagem (UNEB). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UNEB) e em Especialista em Educação e Interdisciplinaridade (IF Baiano). Licenciado em Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (UNEB). Professor da rede Estadual da Bahia no Colégio Estadual Gildete de Sousa Viana. Graduando em Teatro (UFBA). Produtor Cultural e Presidente da Associação de Teatro Ribeir'art. E-mail: [jodobonfim@gmail.com](mailto:jodobonfim@gmail.com)

de nossa própria prática e da maneira de lidarmos com a multiplicidade e diversidade das relações na sala de aula.

Nesse sentido, ao longo dessas (entre) linhas apresentamos brevemente o conceito de *modernidade líquida* em Bauman (2001), e como tal, o conceito pode ser percebido nas relações interpessoais/transferenciais<sup>3</sup> constituídas entre professor e aluno ao longo do filme. Em termos gerais, *O Substituto* - sob roteiro de Carl Lund e direção de Tony Kaye - é uma produção norte-americana de aproximadamente 100 minutos, ancorada no gênero dramático da cinematografia estadunidense. Por ela, apresenta-se a história do personagem Henry Barthes, professor *substituto* que ministra aulas por curtos períodos de tempo em escolas diversas, cobrindo licenças de outros colegas. Diante da contratação temporária, utiliza-se de métodos e discursos pedagógicos que fazem proximidades com a linguagem e realidade de jovens estudantes de periferia, os quais são estereotipados enquanto desinteressados, desmotivados e violentos. Na sua prática, Henry – também marcado pelos seus fantasmas, problemas familiares e sofrimentos psíquicos diversos – busca se resguardar em querer não criar laços estreitos com seus alunos, já que a criação de vínculo com seus alunos (as) era um estilo muito peculiar. Contudo, esse “não querer” é interrompido pelo aparecimento de situações singulares que o deixam amalgamado a realidades inesperadas.

A condição itinerante de Henry é algo que ele próprio escolhe e deixa transparecer o seu “não querer” fincar raízes nos espaços por onde passa. Esta característica pode ser facilmente identificada como marca do tempo no qual vivemos: *a modernidade líquida*. A liquidez do que vivemos é marcada pela brevidade das relações, pela fugacidade dos momentos. Talvez seja uma análise muito rasa do conceito de Bauman (2001). Contudo, partindo da ideia de que *a modernidade líquida* se caracteriza justamente por se opor à solidez das relações, das vivências e do próprio sujeito, apreendemos pelo filme que essa multiplicidade de formas entoa e ressoa na trama fictícia daqueles personagens. Assim, o professor itinerante e

---

3 O sentido de transferência, nesse texto, não denota operação bancária ou depósito de informação de um para o outro sujeito. Ela contempla preceitos psicanalíticos lacanianos fundados na troca de inconscientes entre os sujeitos. Assim, esta relação transferencial prolonga-se no campo do desejo, da angústia e na ambivalência dos afetos (prazer e desprazer) que envolvem estes sujeitos numa relação (ROUDINESCO; PLON, 1998).

*substituto*, em sua prática docente, estiliza o sentido das relações com os jovens daquela comunidade escolar.

Nesse sentido, a liquidez proposta por Bauman (2001) se presentifica na pluralidade das ações dos alunos. Pela turma heterogênea do filme, os jovens que assistiam às aulas de Henry eram mais atentos e envolvidos em seus próprios conflitos. Reconheciam o porquê de serem aceitos ou não frente aos grupos que a própria sala criava. Além disso, poucos observavam a educação como princípio de transformação e libertação.

Na esteira dessa ficção, podemos fazer um chamado a Bauman (2001) quando ele diz que

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar *dela*), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social (BAUMAN, 2001, p. 14).

A complexidade desse pensamento está entrelaçada às questões do filme, principalmente quando se cria, naquela sala de aula, um círculo no qual as formas de pensamento individual reverberam no coletivo. As *flexões* e *torsões* naquele contexto escolar desvelam o sentido das relações líquidas, pois aqueles jovens observam as suas emoções e demandas pela rapidez em que se proliferam e se esvaem dentro do grupo, sem perder a relação daquilo que há com o entorno, com o espaço comunitário. Diante disso, esse contexto educacional se revela e é entendido - pela mobilização e escuta sensível do professor Henry - como espaço integrante de uma complexidade social maior. Assim, faz-nos perceber que a sociedade se empreende dentro de uma mesma lógica, sem perder de vista os aspectos sociais, políticos e culturais dos grupos que a pertencem.

A epígrafe que se apresenta na parte inicial deste texto revela a situação do protagonista, envolto em problemas pessoais, distante de si, mas que, de certa forma,

assumi diante de si e dos alunos que não era simplesmente um transmissor de conteúdos e preocupado apenas com o desenvolvimento cognitivo de seus estudantes. Ele consegue alcançar aqueles jovens para além da sala de aula e acaba por descortinar os dramas ocultados e superar o sentido das relações sólidas pela arte da escuta sensível, enlaçada à mobilização de conhecimentos prévios e respeito à diversidade ali representada.

Por um recorte da trama, podemos ilustrar os sentidos das *flexões* e *tensões* de Bauman (2001) sobre o filme, justamente na cena em que Henry é desafiado em sala de aula por um estudante, levando-o a atirar sua pasta contra a parede. O professor *substituto* apresenta-nos um sentido evidente de como constituir essas relações líquidas no caminho inverso ao autoritarismo docente: *mobilizou o aluno a reconhecer que o professor era uma das poucas pessoas ali, que queria lhe dar uma oportunidade; além disso, na própria cena, Henry reconheceu seu lugar e despertou em seu imaginário a posição de se colocar no lugar do aluno em questão. Ao fazer esse deslocamento, retrocedemos nosso ataque, reavaliamos nossas atitudes e lembramos/ rebobinamos nossa própria vida.*

As relações interpessoais/transferenciais entre professores e alunos sempre foram marcadas por contrastes, conflitos e disputas. Assim, o professor que outrora era visto como o dono do saber, autoritário e inquestionável, diante da *modernidade líquida*, assume o papel de produtor e mobilizador do conhecimento a partir das trocas empreendidas em sala de aula ou fora dela. Ao lado do professor está o aluno, não mais visto como uma tábua rasa, aquém do saber. Juntos eles vivenciam trocas e complementações do saber compartilhado ao do processo de aprender. Por esse caminho, Charlot (2020, p. 303) também defende que “[...] aprender é, antes de tudo, se mobilizar em uma atividade intelectual.”

Em suma, na apropriação da *modernidade líquida* fortemente marcada nesta obra cinematográfica, podemos retomar a Delors (1998) ao tratar dos quatro pilares da educação, alertando-nos para as múltiplas funções da escola: *aprendem a ser, a fazer, a aprender e a conviver*. Em um misto de vivências e confluências identitárias, estudantes e professores aprendem juntos a serem sujeitos protagonistas dos discursos e processos pedagógicos. Sujeito que sente, que sangra, que sofre, que grita em silêncio, que ri, que chora. A esse respeito, Charlot (2020) aduz que é preciso

“[...] ocupar o mundo com *humanidade* e se ocupar dele, com todas as formas de solidariedade que esse termo implica. Esse deve ser, em minha opinião, o princípio básico de uma educação contemporânea.”

Assim posto, Henry, mesmo na tentativa de se distanciar das realidades individuais de seus alunos, acaba envolto em algumas delas e demonstra o quanto, mesmo sendo apenas um “itinerante e substituto”, é sensível aos problemas familiares e individuais que alguns de seus alunos deixam transparecer. Nessa perspectiva, pautado em aulas participativas e dialógicas, o *substituto* faz mobilizações de saberes frente às questões conflituosas de seus alunos e melhora a participação e o desempenho desses sujeitos em suas aulas.

De modo geral, essa alusão nos permite afirmar que as relações líquidas adentram no meio escolar e representam terrenos férteis para distanciamentos presentes nas relações interpessoais/transferenciais de professores com seus alunos. Assim, é preciso reconhecer que as cadeiras das salas comportam alunos com universos, sonhos e realidades distintas, as quais devem ser problematizadas no cotidiano escolar. Nesse entremeio, compreendemos que, situado numa *modernidade líquida*, Henry propôs efetivar seu trabalho pelo viés da escuta sensível do outro e de si. De maneira profunda, fez ressoar uma prática, por meio de flexões e tensões, que as ações pedagógicas podem se revelar pelo campo do possível.

Feitas essas considerações, o filme *O Substituto* nos mostra a lição de uma educação pautada no princípio humanitário de escutar o outro, para juntos trilharem os caminhos de confronto à crise sistemática e barbárie que a educação enfrenta. Em vista disso, além de psicólogos e psicanalistas, o filme pode ser indicado para todos os profissionais e estudantes da área de educação com intuito de debater sobre o reconhecimento próprio e a responsabilização de cada sujeito perante as relações transferenciais que estabelecem cotidianamente.

## REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Educação ou Barbárie**: uma escolha para a sociedade contemporânea. Trad. Sandra Pina. São Paulo: 2020.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.